

O programa Boa Esperança: das boas maneiras às boas práticas¹*Rui Trindade*

A valorização, o estudo, o apoio, o reconhecimento público e a divulgação das boas práticas educativas que se vão desenvolvendo nalgumas das nossas escolas, constituem as principais finalidades do programa que o Ministério da Educação se propôs designar por programa Boa Esperança / Boas Práticas. Não sendo uma decisão de todo inesperada, particularmente após a publicitação do relatório relativo à Reflexão Participada dos Currículos (D.E.B.,1997), é, todavia, uma decisão que pode ser entendida como uma opção tão pertinente quanto arriscada.

A pertinência advém do facto de se valorizarem os “práticos” como actores legítimos, ou pelo menos como interlocutores privilegiados, no âmbito do processo de construção de saberes pedagógicos de referência, tendendo assim a alargar-se o campo de produção da reflexão teórica na área das Ciências da Educação, excessivamente circunscrito a uma actividade a cargo de especialistas. A possibilidade de se estabelecerem parcerias entre professores e investigadores, no quadro das actividades docentes dos primeiros, podendo permitir recriar-se a relação de subalternidade destes face aos segundos, não deixará, por sua vez, de constituir igualmente uma das implicações mais marcantes do programa Boa Esperança, quer do ponto de vista dos processos, da qualidade e do sentido da dimensão investigativa deste programa, num registo próximo do da investigação-acção, quer, consequentemente, do ponto de vista da pertinência educativa e da utilidade social dos resultados obtidos nesse âmbito.

É, por sua vez, uma opção arriscada a partir do momento em que sabemos que aquilo a que temos acesso, não é tanto às práticas, mas aos discursos sobre as práticas, o que nos acaba por situar no domínio dos discursos pedagógicos e estes, tal como escreve Meirieu, *“devem ser compreendidos não como a expressão do que convém exactamente fazer, mas como a expressão daquilo que convém dizer - e mesmo, talvez pensar - em tal e tal momento dos debates sobre educação para fazer o que efectivamente se pretende fazer... o que, precisamente, nem sempre se diz”* (Meirieu, 1996: 114).

¹ Publicado na revista Território Educativo, nº 6, 63 – 65 (revista da Direcção Regional de Educação do Norte)

É, igualmente, uma opção arriscada valorizar o contributo de experiências educativas que se desenvolvem de modo insular nas escolas, alheadas, por isso, de qualquer projecto de transformação institucional mais amplo. Não me parecendo nem estratégica nem eticamente adequado marginalizar as iniciativas deste tipo, convém, no entanto, compreender-se a vulnerabilidade das mesmas, os seus eventuais equívocos, as suas limitações. Pretende-se, assim, evitar, por um lado, as ilusões típicas das abordagens pedagógicas e, por outro, inquirir até que ponto o isolamento institucional de algumas boas práticas constitui um obstáculo ao seu desenvolvimento ou, pelo contrário, pode constituir um dispositivo útil de interpelação educativa no seio de uma comunidade escolar. Trata-se, mais do que uma opção a recusar, de uma opção a gerir.

É, finalmente, uma opção arriscada quando se assume que um dos objectivos do programa Boa Esperança consiste em contribuir para a divulgação de boas práticas educativas que se desenvolvam no âmbito de escolas do ensino não-superior. Sem se querer pôr em causa a bondade do propósito enunciado, pergunta-se, contudo, se a disseminação das experiências que o programa Boa Esperança considera serem exemplos de boas práticas educativas não corre o risco de o transformar num programa de boas maneiras ?

Isabel Menezes, no documento policopiado que foi distribuído aos participantes no encontro promovido pela equipa coordenadora do programa na região norte, tenta responder a esta questão afirmando a dada altura, no texto que subscreve, que *“não se pretende, nem seria útil, disseminar respostas”* (Menezes, 1999), podendo, no entanto, ser *“produtivo disseminar perguntas ou formas de as fazer”* (Menezes, 1999). Todavia, o desdobrável produzido pelo Instituto de Inovação Educacional, com o intuito de divulgar o programa, parece ser, do ponto de vista semântico, mais ambíguo acerca da dimensão prescritiva do referido programa. É que quando se afirma que se apoia e estimula o desenvolvimento de iniciativas para se consolidarem as boas práticas *“e para o seu alargamento a outras escolas”*, quando se valorizam as experiências apoiadas por esse programa como instrumentos de *“divulgação, em termos de conhecimento utilizável pelos profissionais da educação”* corre-se o risco de promover leituras que permitem olhar o programa Boa Esperança como a expressão de uma estratégia que subordina a transformação das práticas

educativas a um processo caracterizado exclusivamente pela natureza tecnico-pedagógica dessa transformação, no âmbito do qual as experiências eleitas constituiriam, sobretudo, a referência de um processo de modelagem pedagógica. Ora, aquilo que me parece ser uma das dimensões mais interessantes nas experiências seleccionadas tem a ver, exactamente, com o facto de se terem encontrado alternativas a este processo de modelagem, no momento em que as respostas educativas, diversas entre si, passaram a ser construídas em função do seguinte conjunto de denominadores comuns:

- Da procura e da construção de outros sentidos para a educação escolar, o que nalguns projectos implicou quer a assumpção de rupturas epistemológicas inequívocas com uma concepção cumulativa e normativa do conhecimento quer o subsequente alargamento do campo dos dispositivos de mediação pedagógica e cultural que, no seu conjunto, pressupunham tanto a definição do acto educativo em função da afirmação de outros compromissos de natureza ética, como o desenvolvimento de outro tipo de padrões relacionais no seio das escolas;
- Da valorização da reflexão como dimensão estruturante daqueles projectos;
- Da apropriação criativa e inteligente dos recursos materiais e legais disponíveis;
- Da adopção de práticas sistemáticas de monitorização das experiências desenvolvidas.

Como se promove a disseminação deste conjunto de atitudes que pressupõem um protagonismo muito consciente dos docentes envolvidos, no quotidiano das suas escolas ? Certamente que poderão inspirar e até estimular outros percursos pedagógicos, mas não serão suficientes, só por si, para que quem tome essa decisão possa concretizar esses percursos que, para além de não se encontrarem pré-definidos, não podem ser pensados e configurados no e do exterior dos contextos-alvo Pode compreender-se então de forma mais rigorosa, a partir da leitura do conjunto de denominadores construído em função dos dados disponíveis sobre os sete projectos que integram o programa Boa Esperança na região norte, a impossibilidade das boas práticas, enquanto práticas circunscritas a contextos escolares específicos e a praticantes singulares, serem objecto de mimetização noutros contextos e com outros praticantes.

Neste sentido, parece-me mais útil enfatizar as vertentes do reconhecimento público do trabalho que se realiza, dos resultados - e da qualidade - da intervenção e da investigação que se produzem e do apoio institucional que se proporciona como finalidades primeiras do programa Boa Esperança. É que, só por si, aquelas vertentes tanto asseguram a possibilidade de interpelarmos e reflectirmos sobre as respostas educativas produzidas, como nos permitem, igualmente, aceder aos resultados, aos procedimentos e à organização subjacentes a um conjunto de experiências bem sucedidas que se construíram, em função de necessidades e desejos concretos, dos constrangimentos e dos recursos disponíveis, bem como da singularidade dos actores envolvidos nos mais diversos contextos e situações escolares.

Em síntese, os riscos enunciados que decorrem do facto de qualquer empreendimento pedagógico contemporâneo não se poder eximir de lidar com o conjunto de contradições inerente à pluralidade das leituras produzidas nesse, ou a propósito desse, empreendimento, deverão ser entendidos quer como um factor estruturante do programa Boa Esperança / Boas Práticas quer, por isso, como um objecto de reflexão teórica. Os discursos pedagógicos, a partir dos quais se corporiza esta reflexão, assumem então um papel fundamental se forem capazes de contribuir para a construção de um espaço de inteligibilidade das dinâmicas educacionais produzidas, permitindo assim o desenvolvimento do que Meirieu designa por *“inventividade pedagógica”* (Meirieu, 1996:129), a partir da qual se torna possível explorar um conjunto possível de acções face às solicitações educativas que se vão construindo e assumindo no seio das escolas. Ora, a concretização de um percurso pedagógico sujeito a uma tal dinâmica só é possível no quadro de um conjunto de opções que implicam compromissos prévios de natureza axiológica que deverão ser explicitados. E esta é uma discussão que a maior parte das vezes fica por fazer, não necessariamente como uma operação prévia a qualquer projecto de carácter inovador, mas, sobretudo, como uma problemática estruturante que importa abordar à medida que os projectos se vão construindo. Neste sentido, e da mesma forma que se defendeu a impossibilidade e a recusa de estabelecer uma estratégia tendente a promover a homogeneização das práticas educativas através da disseminação das boas práticas, recusa-se agora, igualmente, entender o programa Boa Esperança como um

programa que se define, exclusivamente, em função de uma matriz pedagógico-didáctica ou, de um modo mais genérico, em função de uma matriz técnico-instrumental. É que tanto a disseminação das práticas, realizada no sentido de estimular a sua mimetização, como a valorização excessiva da dimensão técnica dos projectos ditos inovadores tendem a subalternizar o protagonismo dos actores envolvidos nos projectos de intervenção educativa, por dois tipos de razões: (i) em primeiro lugar, porque impõem modelos de acção que, de algum modo, foram construídos em condições e para situações que lhes são estranhas, a eles e aos contextos onde operam; (ii) em segundo lugar, porque restringem as suas respostas, inibindo as possibilidades de exploração de outras alternativas, ao legitimar as opções propostas em função da indiscutibilidade do primado da eficiência técnica.

Sendo necessário reconhecer-se que o programa Boa Esperança / Boas Práticas não garante, à partida e só por si, a prossecução dos objectivos que inspiraram o seu lançamento, nem por isso deixa de ser um programa a acompanhar com interesse, sobretudo se, em primeiro lugar, permitir que se compreenda melhor os sentidos da inovação das práticas educativas que têm lugar nas nossas escolas, os não-ditos dessas práticas ou as condições institucionais, organizacionais, pessoais e sociais que parecem favorecer os gestos inovadores; em segundo lugar, contribuir para a elaboração de critérios que constituam referências capazes de nos permitir abordar, de forma mais consequente e informada, as boas e as más práticas; em terceiro lugar, estimular o alargamento do espaço de reflexão educativa para lá dos centros tradicionais de produção do saber ou dos nichos pedagógicos habituais; em quarto lugar, constituir uma oportunidade de enriquecimento do património de experiências de intervenção educativa que possam constituir referências de qualidade para outras práticas educativas e nunca modelos de constrangimento técnico-instrumental que, a prazo, impedem o desenvolvimento de qualquer acção inovadora.

Em suma, e para concluir, resta-me afirmar que estou convicto que o sucesso de um programa que se define em função da necessidade de divulgar a existência de boas práticas no âmbito de escolas portuguesas, depende sempre de outras decisões a montante e a jusante desse programa, nomeadamente das iniciativas que permitam aos professores portugueses encontrar a sua vez e a sua voz nas decisões que lhes dizem respeito.

Bibliografia

Roldão, M.C.; Nunes, L.; (1997). Reflexão participada dos currículos. Lisboa: D.E.B. / M.E.

Meirieu, P. (1996). La pédagogie entre le dire e le faire. Paris: ESP éditeur

Menezes, I. (1999). Introdução in Boa Esperança / Boas Práticas - Região Norte. Porto: Instituto Superior de Engenharia